

## AS MISSÕES JESUÍTICAS NA LITERATURA BRASILEIRA \*

Hernani Donato

(Academia Paulista de Letras e  
Academia Paulista de História)

A Literatura — exercício da imaginação criadora, freqüentemente auxilia a História, ciência sustentada por rígida metodologia, na compreensão de certos eventos. A recíproca, é perfeitamente verdadeira. A recente exibição do filme “A Missão”, suscitador de vigorosa polêmica, sugeriu à História e à Literatura o rediscutir de tema apaixonante e controvertido. Trata-se da atividade da Companhia de Jesus, durante século e meio, nas Missões ou reduções.

Debates a propósito raramente são conduzidos com a moderação que leva ao conhecimento correto e ao ajuizamento equilibrado. A atividade jesuítica junto ao guarani ou é exaltada como obra salvífica, espiritual e fisicamente considerando, ou é execrada como tirania deformadora da natureza inocente do selvícola.

A visão condenatória refletiu muito do posicionamento anti-Igreja da metade do século dezoito. A Sé romana perdia força política e, até, influência religiosa. A Reforma fortalecera o poder laico dos Estados nacionais. O liberalismo, o iluminismo, mantinham ofensiva permanente contra a religião e o Papa. A tipografia, quase toda em mãos protestantes, favorecia a impressão de livros e de opúsculos anti-católicos, especialmente anti-jesuíticos. As Missões resultaram em alvo preferido dessa conjunção de adversários de romanidade e da Companhia. Mas a visão condenatória corporificou-se e identificou-se com o gênio literário de Voltaire que, em 1759, fez publicar o “**Cândido**”, cuja personagem Cacambo descreve o império jesuítico, densamento povoado, trezentas léguas em diâmetro, no qual os guaranis seriam absolutamente miseráveis e os jesuítas fabulosamente ricos. A fantasia do autor robusteceu-se como se descrição e não criação, sendo guindada ao nível de verdade-denúncia. As Missões passaram a ser sinônimo de opressão, exploração, violência. Tal o poder da criação literária produzida por um gênio.

Curioso que o mesmo Voltaire assinou uma das frases mais enaltecidas dentre as que, personalidades eminentes quanto ele, redigiram para definir as Missões. Disse em **Essai sur les moeurs, Oeuvres**, volume

---

(\*) Conferência na Academia Paulista de Letras em 25 de junho de 1987.

X, página 59: “L'établissement du christianisme dans le Paraguay par les seuls jésuites espagnols paraît à quelques égards le triomphe de l'Humanité”.

D'Alembert afirmou quase o mesmo: “Souverains dan ce vaste pays, ils y rendent hereux, à ce qu'on assure, les peuples qui leur obéissent et qu'ils sont venus à bout de soumettre sans employer la violence”. Buffon, exaltou a obra da Companhia, com mais entusiasmo: “Rien n'a apporté au christianisme plus d'honneur que d'avoir “moralisé” ces peuples et d'avoir établi un État sans autre arme que la vertu”. Montesquieu, coroando o pronunciamento dos grandes vultos franceses do tempo, não deixou por menos. No capítulo VI, livro IV, de **Esprit des lois**, registrou: “Il est glorieux pour elle d'avoir été la première qui ait montré dans ces contrées l'idée de la religion jointe a celle de l'humanité; en réparant les dévastation des Espagnols, elle a commencé à guérir une des plus grandes plaies qu'ai reçues le genre humain”.

Mas Raynal, à página 305, tomo III da **Histoire philosophique des deux Indes**, foi além, descrevendo, quase, uma redução jesuítica dos guaranis: “C'est là que la religion est aimable et c'est d'abord dans ses ministres qu'elle s'y fait aimer. Rien n'égalé la pureté des moeurs, le zèle doux et tendre, les soins paternels des jésuites du Paraguay. Chaque pasteur est véritablement le père, comme le guide de ses paroissiens. On n'y sent point son autorité parce qu'il n'ordonne, ne défend et ne punit que ce que punit, défend et ordonne la religion qu'ils adorent et chérissent tous comme lui-même”.

C. Lugon, que recolheu tais pronunciamentos às páginas do seu **La République Communiste Chrétienne des Guaranis — 1610-1768** (Les Éditions Ouvrières, Paris, 1949, páginas 231/232) arrolou outros importantes depoentes pró-Missões: “On trouve d'autres textes nom moins élogieux, chez Rousseau, Diderot, Lessing, Wieland, A. de Heller, Jean de Muller, Robertson, etc.”

Sobre os porques de as Missões terem despertado oposição para além dos campos religiosos e liberalizantes, é bastante esclarecedor o escrito por Dalton Sala Júnior, professor de História da Arte Colonial na Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, na revista “Skultura”: “... a região prosperava muito rapidamente (...) o jugo suave e musical dos padres, apesar dos castigos e das mortificações, era um fardo leve se comparado com o regime das “encomiendas” implantado pelo absolutismo espanhol (...) instalou as primeiras fundições de ferro da América colonial e seus campos estavam cobertos de algodoeiros que forneciam matéria-prima para os inúmeros teares construídos nas próprias Missões (...) o que resultou em um produto de qualidade a um preço que, se chegasse aos mercados europeus, não teria competidor. Tudo isso inquietava os senhores dos projetos de industrialização, principalmente a Inglaterra, a qual

manobrou habilmente, por meio de sua diplomacia, uma questão de fronteiras entre Espanha e Portugal...”

Pois a velha e militante rivalidade entre Espanha e Portugal, transplantada para a América meridional, militou fortemente contra as Missões jesuíticas. O governo de Lisboa via-as como redutos ofensivos do poder madrileno pronto a restaurar a linha das Tordesilhas. Os espanhóis, autoridades na região, sentiam-se especialmente prejudicados no usufruto do trabalho indígena, que julgavam lhes caber por direito de conquista. O nascente empresariado europeu, temia a introdução nos mercados continentais dos produtos missionários realizados com fartura de matéria-prima e mão-de-obra gratuita. E é bem sabido o que os bandeirantes paulistas viam nas Missões: fartos currais onde os padres, propostos a proteger a liberdade dos guaranis, na verdade os reuniam, aos milhares, facilitando a caçada dos predadores. A não ser aquelas vozes de intelectuais, nenhuma força influente e executiva, amparou as Missões e os missionários. Muitas, coligaram-se contra eles.

Por fim, (31-1-1750), Portugal e Espanha acordaram o Tratado de Madri. Permutavam cidades, terras, posições fortificadas. Portugal cedia em definitivo a Colonia do Sacramento, sobre o estuário do Prata e recebia o território das Missões Orientais do Uruguai, isto é, o atual oeste do Rio Grande do Sul. Mas o queria vazio de índios. Os aproximadamente trinta mil homens, mulheres, velhos e crianças das reduções dos Sete Povos ficavam obrigados a deixar a casa, roça, fábrica e igreja e transferir-se para o outro lado do rio. Estavam ali há bem mais de um século e acreditavam no que os padres lhes haviam ensinado: a terra era um dom divino, dado a eles por intermédio de São Miguel. A vontade de rei algum podia mais do que a de Deus.

Assim pensando, fizeram voltar a primeira Comissão de Limites. Depois do que, a vontade dos reis ibéricos foi mandada cumprir por dois poderosos exércitos. Andonaégui, general chefe, assegurou a respeito do conjunto de forças mobilizadas: “En la América, no se a visto otro igual”. Os jesuítas receberam ordens rígidas: apoiar a transferência de população. Por documento público, a Companhia obedeceu, abrindo mão das responsabilidades. Os índios, dividiram-se. E houve, entre eles, espécie de luta civil, conflitando os caciques fiéis aos padres e os que se decidiram pela resistência. Num breve hiato, o regime do caciquismo retornou à algumas reduções que tomaram a si conduzir a vida social e econômica, já sem os padres. Mas no final, a guerra, entrada para a História como a Guerra Guaranítica. Inferiores em tudo, bravos porém desordenados, sem a firme coordenação dos padres, os guaranis sucumbiram. Em Cai-

boatá (10 de fevereiro de 1756), os luso-espanhóis contaram 44 baixas em suas fileiras e provocaram cerca de duas mil mortes entre os missioneiros.

Estes, nem assim se entregaram. Padre Antônio Sepp (**Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos**) registrou que “custou arrancá-los de lá, devendo ser levados a ferro; mais, fez-se mister atear fogo ao próprio templo, porque se abraçavam aos altares, colunas e postes do templo, principalmente o sexo feminino, que, cabeleira solta e esparramada pelos ombros, se arrojava entre amaríssimas lágrimas, teimosamente ao chão, para antes morrerem de fome que serem arrancados de lá”.

O drama das Missões, difundido na Europa principalmente pelos adversários da Companhia de Jesus e os espíritos afinados com o pomalismo, despertou muitas e vivas reações. Houve algumas lamentosas, como a do poeta inglês Gilbert Keith Chesterton que assinou o poema **To the Jesuits**. Nele, insinua, mesmo, que interesses comerciais estiveram presentes na condução da guerra: “You bade the Red Man rise like Red Clay/Of God’s great Adam in his human right, / Till trailed the snake of trade, our own time’s blight / And, man lost Paradise in Paraguay”. (“Vós anunciastes o Homem Vermelho elevando-se com a Argila Vermelha / Do grande Adão de Deus em seus direitos humanos, / Até que surgisse a serpente do comércio, a doença do nosso próprio tempo / E o homem perdeu o Paraíso no Paraguai”.

A maior parte das vozes ouvidas na ocasião, ergueram aplausos à destruição do sistema jesuítico de reduções, acreditando que o acontecimento abria para as massas indígenas horizontes claros para o exercício da liberdade individual. Toda sorte e toda gradação de anátemas foram endereçados contra os jesuítas, apontados como dominadores, tiranos, deformadores da bondade natural do índio. Só não lhes foi negada capacidade intelectual e inteireza religiosa.

Da habilitação dos mesmos nos passou certidão um autor responsável como Erico Veríssimo, para não ir mais longe. Deles, disse: “vindos de além-mar: pregadores, cartógrafos, músicos, naturalistas, astrônomos, matemáticos, arquitetos — chegavam, ficavam por algum tempo e depois se iam, deixando uma marca de sua passagem: um mapa, um relógio, uma imagem, um livro, uma idéia...” Outro autor brasileiro que incursionou literariamente pelo assunto missioneiro, Manoelito de Ornellas, no “Pórtico”, do seu livro **Tiarajú**, fixou o mesmo retrato falado do jesuíta missioneiro: “eram artífices, construtores, pintores, músicos (...) trabalharam a pedra de cantaria... plantaram árvores frutíferas... trouxeram os primeiros rebanhos de gado vacum... os campos receberam as primeiras sementes e o trigo, a vinha, o algodão e o fumo floresceram. Surgiram os primeiros teares... cozeu tijolos e construiu fornos. Fundiu o ferro, malhou foices, lanças e machados. Mas o artífice era também um músico. Ensinou os índios a cantar e fez grandes orquestras de charamelas, de pífanos, de flautas, de clavicórdios”.

O guarani missioneiro foi preparado para absorver todo esse preparo e ensinamento. Logo em 1611, ano e pouco depois de fundada a primeira redução, foi implantado o ensino obrigatório. Tornou-se compulsório nas selvas o que na culta Europa era privilégio de poucos. José de Acosta, s. j., em **De promulgacione evangelii, apud barbaros, sive de procuranda indiorum salute** (Salamanca, 1589) traduzido para o espanhol com o subtítulo **Predicación del Evangelio en las Indias**, por Francisco Mateos, s. j., Madrid, 1952, Livro III, capítulo XIX, página 293, confirma a disposição de ensinar: “Primero hay que cuidar que los barbaros apreendam a ser hombres y después a ser christianos”.

Houve, pois, e largamente, técnicos e artistas, entre os reduzidos. Tecelões, escultores, músicos, ourives. E escritores? Josefina Plá, em **El barroco hispano-guarani** informa que em todas as missões havia um registro, crônica das atividades, geralmente escrita em guarani, por um índio. Mas nada se conhece, desses diários. Como exceção, o curioso depoimento de Crisanto Nerando, em folhas de couro, registrando sua amarga experiência de prisioneiro dos portugueses depois do segundo ataque à Vila do Rio Pardo. Mais nada. Terá sido discreta, se houve, a atividade de relatar por escrito, entre uma população reconhecidamente apta para certas atividades culturais.

O padre Antonio Sepp (**Relación de viaje a las Misiones Jesuíticas**) nos oferece uma explicação: os reduzidos aprendiam tudo muito facilmente “pero como no tienen ideas, ocurrencia, imaginación y fantasia, no son capaces de inventar algo”. Saint Hilaire (**Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1822**) confirmou: “os guaranis como todos os índios não têm idéia alguma do futuro. Aprendem com facilidade o que se lhes ensina, mas não inventam e nem compõem nada”.

Mas a grandiosidade, a permanência, as conseqüências do episódio missioneiro não poderia deixar de sugerir a autores americanos e europeus, poesia e prosa, abundante e apaixonada. Afinal, tinha razão o bom Homero ao afirmar que “os deuses mandam tribulações aos mortais para que as gerações seguintes tenham o que contar. Foi o que repetiu, com menos poesia, o poeta Mallarmé: “por fim, tudo acaba em livros”. E houve muitos livros, centenas de livretos, opúsculos, folhetos, depois que Voltaire expediu o seu **Cândido** e o malazarteano criado Cacambo a mostrar o caminho.

Nossa tarefa é cuidar das produções exponenciais, redigidas em português.

No Brasil, a literatura popular quase toda fixou-se na figura de Sepé Tiarajú, magnificando-a até à santificação. Simões Lopes recolheu em **Lendas do Sul** a culminação do mito: Sepé transformado em estrelas. O mesmo entusiasmo pelo chefe menor favorecido pela morte

e pelo mito, está presente em escritores de variada tendência e orientação. Basta referir Teschauer, Alcy Cheuiche (**Sepé Tiaraju**), o já citado Manoelito de Ornellas, Amyr Borges Fortes (**Compêndio de História do Rio Grande do Sul**), Anselmo F. Amaral (**Sepé Tiaraju**), Rui Nedel (**Esta terra teve dono**) e até textos sociológicos e históricos quais os de Lugon, Guilhermino César, Moacyr Flores.

Dois livros, verdadeiramente chefes-de-fila, merecem nossa atenção, inclusive porque não dispomos de tempo/espço para mais. Um em prosa, outro em verso. **O Sobrado**, de Erico Veríssimo e **Uruguai**, de José Basílio da Gama.

O texto de Erico é parte da série monumental **O Tempo e o Vento**. Se todo "O Sobrado" é fortemente épico, as páginas dedicadas às missões e seus personagens, são líricas, dolorosas e marcadamente épico-poemáticas.

Tocado pelo amavio que envolve a quantos penetram o território emocional das Missões, Veríssimo se dá por inteiro ao índio. Sofre com ele, acompanha-o no trabalho, na oração, na revolta, na guerra, na derrota, na destruição dos Sete Povos, o germinar de uma raça nova — a mameluca, a mestiça. Ela, a gente adequada ao domínio do pampa, nasce da união ocasional, mais violência do que amor, mais destino histórico do que culminação de romance, do misterioso andarengo Pedro Missioneiro com a humilde sorocabana descida para o chão continentino, a suave Ana Terra.

Desfiando o seu compromisso de estima para com o indígena, o romancista justifica a presença e a atuação do jesuíta, desde o entusiasmado e longo solilóquio do padre Alonzo: "Um dia, esses eternos humilhados, esses eternos escravos haveriam de tomar consciência de sua força e erguer-se. Mas era indispensável que tal levante se fizesse não em nome do ódio, da vingança e da destruição, mas sim em nome de Deus e da Suprema Justiça (...) O trabalho da Companhia de Jesus já havia começado na América. Era preciso conquistar o Novo Continente, livrar o índio da influência do homem branco, organizar uma grande república teocrática que depois, aos poucos, poderia estender a outras terras a sua influência e o seu exemplo. Ah! Mas para conseguir esse supremo bem os jesuítas seriam obrigados a usar meios aparentemente ignóbeis. Teriam de ser obstinados e implacáveis. No princípio seria necessário exercer uma ditadura justa mas inexorável. Não havia outra alternativa..."

O autor nos introduz na intimidade da redução, percorrendo o hospital, a oficina onde escultores produzem imagens, a padaria, a casa dos teares, a olaria, o moinho, o Cabildo sede administrativa da Missão. Até mesmo, Erico nos faz bisbilhotar carta que Alonzo escreve para a família: "Se pensais que vivo no meio de bárbaros, estais completamente enganados. Nos Sete Povos começa a nascer uma das mais belas civiliza-

ções de que o mundo tem notícia (...) muitos desses selvagens sabem além da língua nativa, o latim e o espanhol, e são hábeis escultores, pintores, oleiros, ourives, tecelões, fundidores de bronze e músicos”.

A história, melhor dizendo o romance que aí é História, segue, urdido pelo talento de Erico. Uma jovem indígena, estranha à redução, vai morrer na enfermaria dando à luz o filho que o seu violentador — identificado por Alonzo como um vicentista, vale dizer, um paulista — gerara despreocupadamente. O menino, Pedro, cresce, tão misterioso quanto talentoso; meio índio, meio bandeirante; meio rebelde, meio submisso aos ensinamentos dos padres. Dotado daquele que é o mais formidável dos poderes: enxergar o futuro, ver além do horizonte.

O padre Alonzo, seus conhecimentos e sua angústia de homem culto e sacerdote devotado, estabelece a ligação com o presente, a trama real que ameaça o até ali sereno viver missioneiro. Por ele o leitor é informado sobre o emaranhado da disputa territorial luso-espanhola, o Tratado de Madri, a chegada do padre Altamirano com autoridade para afastar os padres e transferir os índios.

A objetividade do padre na análise dos problemas terrenos e a sua fé nos desígnios divinos resultam abaladas pela terrível simplicidade com que o menino Pedro desdobra suas visões; com as quais atualiza o padre, os guaranis e o leitor acerca do andamento da guerra. O final da incursão de Veríssimo pelo drama das Missões é também narrado pela vidência de Pedro, calmamente relatada ao padre estupefato. É que, pouco a pouco, talvez até sem uma deliberada conviência do autor, o mestiço que jamais saíra da selva se agiganta, domina o fascinado e por isso apequenado europeu instruído em universidade, severamente treinado pela disciplina jesuítica:

“— José Tiaraju morreu, padre.

— Morreu? Quem te disse?

— Eu vi.

Mau grado seu, o padre sentia que as pulsações de seu coração se aceleravam.

— Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala.

(...)

— Onde estava ele quando te falou?

— Lá em cima. A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela.

Alonzo largou a cabeça do menino que fez meia-volta e se encaminhou para a janela, puxando o padre docemente pela manga da sobretúnica. Ergueu o dedo e mostrou o crescente:

— Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé.

— São Sepé? — repetiu o padre, meio estonteado”.

O romancista não chega a reprovar a ação dos europeus cuja vontade, aplicada em nome dos reis e de Deus, impunha exílio, sofrimento e morte a trinta mil criaturas reunidas nas missões em nome do mesmo Deus. Porém mostrou claro e forte enternecimento pela causa dos missioneiros. Seu personagem melhor trabalhado é Pedro porque precisou dele, tecnicamente, como fio condutor de outros sucessos do romance. Mas seu herói, como de todo gaúcho tradicionalista, é Sepé; enquanto a sua admiração foi para Alonzo, que desenha idealista, apaixonado pela obra que desenvolve entre os aldeados.

Erico encerra a sua participação na literatura missioneira relatando a tragédia final dos Sete Povos, especialmente o de São Miguel: “Três meses depois, quando o exército dos Sete Povos já havia sido completamente desbaratado numa batalha campal, e os habitantes do povo de Alonzo, desesperados, prendiam fogo à catedral e às casas, para que elas não caissem intatas nas mãos do inimigo vitorioso que se aproximava — Pedro montou num cavalo baio e, levando consigo apenas a chirimia e o punhal de prata, fugiu a todo galope na direção do grande rio...” Quero ver, nesse punhal de prata, um simbolismo que Erico preferiu não explicitar. O punhal era de Alonzo e o ligava amargamente a um passado mundano e pecador. Levara-o consigo como quem teme, odeia, renega o passado porém não pode livrar-se dele. Quando as Missões ardem e acabam, um mestiço, fermento de uma estirpe, sem pedir licença, toma o punhal — que é cultura, é história, é vivência — e mergulha com ele e a chirimia, um distintivo da cultura indígena — em plena noite e em pleno futuro.

Com habilidade de arquiteto capaz e com ritmo de ficcionista habilidoso, Erico Veríssimo usou a técnica do contraponto, alternando páginas movimentadas da vida da redução, do menino vidente e das galopadas de Sepé (1756) com a grave e letal monotonia de outra guerra (a dos maragatos, em 1893), com o episódio do cerco do Sobrado. Em um dos quartos do Sobrado, a então bem velha Ana Terra, modorra na sonolência da agonia prolongada, amaldiçoando as lutas que interminavelmente levaram os homens à morte e as mulheres à solidão. Nas páginas de que se ausenta o jovem Pedro, envolvido nas guerras fronteiriças, Ana Terra lembra acontecimentos da infância e da juventude, detendo-se naqueles poucos minutos, únicos em sua vida, de exaltação sensual, quando um miste-

rioso mestiço missioneiro de nome Pedro, a surpreende na sanga, satisfaz ao clamor físico que a dominava e a ela, plantando na moça, ali feita mulher, o filho que dará continuidade à história e início a novas famílias gaúchas.

E aqui chegados, me permito uma digressão, Ignoro se Erico o fez propositadamente nem tenho ciência de que alguém tenha chamado a atenção para o detalhe. Mas me parece curioso que Pedro Missioneiro, filho de vicentista-paulista, saído menino nas Missões destruídas, reapareça, homem feito, no pátio da casa dos Terra e se detenha o tempo de gerar um filho, seu único filho, em Ana Terra, uma paulista de Sorocaba. E que por esse crime imperdoável fosse morto, sabendo que o seria e admitindo que deveria sê-lo, pelos irmãos da moça, dois paulistas de Sorocaba. Agrada-me o acreditar que com tais circunstâncias Erico desejou significar a presença paulista no povoamento do Rio Grande.

Em **O Sobrado**, Erico Veríssimo trabalhou o melhor texto literário em prosa sobre o tema das Missões. Fez Novela e fez História. Uma e outra, épicas, líricas, pretendendo-as justas, promessa de civilização, cultura, liberdade projetada num futuro indefinido. No seu todo, compreensivo para com as Missões e os missionários, simpático para com os missioneiros.

Também simpático em relação aos missioneiros porém radicalmente contrário às Missões e aos missionários é o texto principal da poesia inspirada nas reduções e na rebeldia guarani ante a prepotência dos tronos ibéricos. Texto anti-jesuítico por excelência, produzido por um ex-seminarista jesuíta: José Basílio da Gama.

Trata-se do poema **Uruguai**. Há que distinguir nele a obra poética e a política. E, ainda, entre a política pessoal e a política colonial portuguesa, embora, no caso, elas se emaranhem.

O valor poético do **Uruguai** é geralmente exaltado com entusiasmo, diante de poucas restrições. Péricles Eugenio da Silva Ramos o considera “o mais categorizado poemeto épico de que dispomos na literatura brasileira”. José Aderaldo Castelo viu nessa poesia “caráter inovador e vigor poético, colorido e plasticidade da linguagem”. Garrett, (**Bosquejo de História da Poesia e Língua Portuguesa, Obras**, volume XXIV, Lisboa, 1817, páginas 104/105) o considera “o moderno poema que mais méritos tem (...) Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frases puras e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes, sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional e legítima americana”. Soares Amora identificou nele “ressaios barrocos — busca do colorido em contraste, pictórico exótico, simbologia cabalística — e, nos grandes momentos líricos, a osmose com o romantismo já se faz clara”.

A fim de conhecermos alguma restrição à qualidade poética, ouçamos Afrânio Peixoto, falando na Nota Preliminar ao *Uruguai*, edição da Academia Brasileira de Letras, 1941: “Em técnica literária se há de dizer que é mal composto o poema. E o enredo não tem nexos, nem senso comum (...) A matéria narrada no **Uruguai** não daria para um conto medíocre... Se a fabulação é assim, o épico dos combates não é melhor: não há nenhum vislumbre de epopeia...”

As restrições quanto à intenção do autor, são tanto ou mais explícitas e numerosas quanto aquelas referentes ao valor criativo. Capistrano de Abreu (**Ensaio e Estudos**, volume III, página 84) disse: “Um poeta de mais talento que brio cometeu a indignidade de arquitetar um poema épico sobre esta campanha deplorável”. Massaud Moisés (**História da Literatura Brasileira**, volume I, página 273, Ed. Cultrix, SP, 1983) observou que “do ponto de vista ideológico, o **Uruguai** acusa profunda identificação com a atmosfera cultural pombalina. O comprometimento do poeta com uma causa exterior ao seu assunto patenteia-se não só pelas notícias biográficas como pela própria obra”.

Sejam os méritos ou seja a indicada inserção na atmosfera político-cultural do tempo, dominante não só em Portugal mas e principalmente nos países cultos da Europa, o fato é que raramente uma peça literária influe tão funda e duradouramente na História. Descendente do “Cândido”, o “Uruguai” formou e carregou para determinadas opiniões, expressiva parcela da população pensante de Portugal e do Brasil. Sua influência chega aos nossos dias.

Em Portugal, a moda, ao tempo, era seguir os “estrangeirados” que sob a proteção do Conde Oeiras, depois Marquês de Pombal e outros nobres de postura dita liberal, atiravam-se à modernização material e espiritual do país. Nessa campanha, hostilizavam o passado, a tradição, os poderes incrustados na sociedade. A Companhia de Jesus, alvo predileto.

A partir de 1757, os leitores de língua portuguesa foram abundantemente supridos de livretos saudando a glória de Gomes Freire de Andrade, justificando o “bom selvagem” guarani e atacando os jesuítas. Em sua maioria, essa prosa foi vertida prontamente para o espanhol, o italiano, o francês e o alemão, conforme constam da preciosa **Bibliografia Sul-riograndense** preparada por Abeillard Barreto. Não admira que **Uruguai** entrasse para a linha de frente da campanha, com efeito bem superior aos dos muitos folhetos, pois como observou Moacyr Flores “a criação poética permanece mais tempo na memória das gerações, influenciando na produção de autor intelectuais”.

O poema foi estruturado sobre cinco cantos, tendo no terceiro o ponto que dá equilíbrio às duas partes distintas e que são: a primeira, cantos um e dois: histórica, fatural, narrando e justificando a política real e a guerra; a segunda parte, cantos quatro e cinco: é simbólica, projetando

o pensamento, o julgamento e as intenções do autor. Simbolismo assim desvendado por Wilson Martins (**História da Inteligência Brasileira**, volume I): “Esses acontecimentos simbolizam o desaparecimento inevitável da cultura indígena (tão anacrônica, aos olhos do poeta, quanto a religião jesuítica) diante do processo histórico (representado pelo avanço do Herói). Não é sem motivo que o canto III termina com a visão da feiticeira Tana-jura, na qual o terremoto e reedificação de Lisboa respondem simbolicamente a destruição das Missões e sua implícita reconstrução como parte da civilização brasileira”.

No canto primeiro, Basílio nos dá a ler a explicação-resposta de Gomes Freire de Andrade ao representante espanhol (que fingidamente, para o poeta, ignorava o porque de estarem duas potências européias enfrentando misérrimos nativos): “Vossa fica a Colônia; e ficam nossos / Sete Povos que os bárbaros habitam / Naquela oriental campina, / Que o fértil Uruguai discorre e banha. / Quem podia esperar que uns índios rudes, / Sem disciplina, sem valor, sem armas, / Se ativessem no caminho aos nossos, / E que lhes disputassem o terreno !”

Resulta clara a intencionalidade do poema: pombalino, colonialista, antijesuítico tanto mais contundente quanto o autor conhecia bem a Companhia por haver estado muito perto dela, no Brasil e na Itália. Isso dito torna necessário o melhor conhecimento do autor e sua trajetória. José Basílio da Gama nasceu em 1741 na hoje Tiradentes, Minas Gerais. Frequentava o colégio jesuíta do Rio de Janeiro quando se tornou conhecida a ordem de expulsão dos padres e dos que não os abandonassem publicamente. Ele o fez. Mas de modo no mínimo curioso porquanto sem muita demora está novamente entre aqueles padres, em Roma onde recebe a orientação pessoal de dois dos mais doutos sacerdotes da casa que o aconselham no fazer poético e na vida social. Tendo por si o esforço da Companhia, foi eleito, ao redor dos vinte anos, para a prestigiosa Arcadia Romana, adotando o nome arcádico Termindo Sipilio. Alguns anos depois circula pelo Rio de Janeiro, planeja concluir estudos em Coimbra mas foi preso em Lisboa. Acusação: jesuitismo. A polícia pombalina não teria dado crédito a abjuração feita no Rio mas sim acompanhado os sucessos de Roma. Pena: viver o resto da vida em Angola, África.

O perigo fez valer a capacidade poética. Compôs um epitalâmio em louvor da filha do Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. Não disfarçou a intenção de obter a graça do perdão. Versejou: louvando a noiva: “Eu não verei passar teus doces anos, / alma de amor e de piedade cheia; / esperam-me os desertos africanos, / áspera, inculta e monstruosa areia... / Ah! tu fazes cessar os tristes danos, / que eu já na tempestade escura e feia / mas diviso e me serve de conforto / a branca mão que me conduz ao porto”.

Isso bastou para suspender o degredo. Mas ele precisa e quer mais. Última o **Uruguai**, fazendo-o anti-jesuítico, anti-Missões, altamente elogioso ao colonialismo português erigido em farol da cristandade, da civilização européia, da liberdade. Em vez das agruras angolanas o poeta foi levado a provar as delícias da corte, recebendo carta de nobreza. Mesmo quando Pombal foi apeado do poder, Basílio continuou a usufruir a situação fidalga, feito escudeiro da rainha, com direito a pensão vitalícia. Correspondeu, produzindo um segundo poema de louvor à atuação colonial portuguesa: **Quitúbia**. Nele, enalteceu um capitão negro decididamente fiel ao trono lusitano.

Se o **Uruguai** é impediçoso para com os jesuítas, mostra-se compreensivo em relação aos guaranis. Estes seriam vítimas, menos dos atacantes portugueses do que da perfídia dos religiosos que os mandavam combater com o propósito oculto de conservar o domínio do vasto império, centro e caminho para as riquezas sul-americanas. José Aderaldo Castello (**Literatura Brasileira — Era Colonial**), reconhecendo no poema uma “obra de combate, de ataque ou de crítica, mais injusta do que imparcial” indica que o autor “critica e censura aos jesuítas, dados como hipócritas, traidores, autores de um plano sinistro de implantação de um poderoso império que iria de encontro aos interesses da Monarquia Portuguesa, manifesta ostensiva simpatia pelo indígena”,... “Sua bravura, suas intrepidez, seus brios de guerreiro selvagem, sua destreza e seu vigor físico, tudo é ressaltado com acentuada simpatia, enquanto se insinua que ele é instrumento dos interesses ocultos dos jesuítas e se aponta o português como seu legítimo defensor e protetor”.

Assim é que, no canto segundo, Gomes Freire procura convencer aos que vai atacar, das boas intenções reais, dizendo-lhes: “Esse absoluto / Império ilimitado, que exercitam / Em vós os padres, como vós, vassallos, / É império tirânico, que usurpam. / Nem são senhores, nem vós sois escravos. / O rei é vosso pai: quer-vos felizes. / Sois livres, como eu sou; e sereis livres, / Não sendo aqui, em outra qualquer parte. / Mas deveis entregar-nos estas terras. / Ao bem público cede o bem privado. / O sossego da Europa assim o pede. / Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes, / Senão o obedecéis mas os rebeldes, / Eu sei que não sois vós; são os bons padres, / Que vos dizem a todos, que sois livres, / E se servem de vós como de escravos. / (...) Eu quero à vossa vista despojá-los / Do tirano domínio destes climas, / De que vossa inocência os fez senhores”.

Não passou despercebida ao poeta a questão da liberdade do homem nativo, da tomada do seu chão manu militari. Assumiu o dever da justificação. O que fez pela voz de Gomes Freire, explicando aos missionários porque deveriam entregar sua terra e submeter-se ao rei lisboeta: “Fez-vos livres o Céu; mas se o ser livres / era viver errantes, e dispersos, (...) com as armas nas mãos, em duras guerras, / ter por justiça a força e

pelos bosques / viver ao acaso, eu julgo que ainda fora / melhor a escravidão que a liberdade”. A tese, terrível, talvez seja uma das mais vivas defesas do colonialismo europeu sobre povos de abaixo do equador.

Mas, para o poeta, a rebeldia do indígena ante a disposição dos reis, era o menor dos males. Maior, o verdadeiro mal a combater estava na organização e na atuação dos jesuítas. No combate a esses objetivos, faz do padre Balda — personagem realmente existente mas cuja presença sequer é documentada no momento e na área — o vilão maior do poema. Basílio, que com a habilidade dos versos escapara ao exílio angolano, com a mesma habilidade remete o padre Balda ao degredo infamante da vilania a mais completa. Faz separar o casal romântico — Cacambo e Lindóia, por desejar a mulher para seu filho Baldeta. Manda prender o líder indígena ao seu regresso da ação espetacular do incêndio do acampamento português e, está implícito, o faz envenenar. (De fato, no domínio da História, Cacambo foi preso e ao que parece executado por seus iguais sob acusação de entendimento secreto com o inimigo europeu.) À pobre Lindóia restou a alternativa: pertencer ao filho do padre ou morrer. Preferiu morrer. Como Cleópatra. O episódio da fuga e morte da heroína é unanimemente referida como das páginas mais perfeitas e emocionantes da poesia em língua portuguesa. Curioso que o próprio censor ao qual coube opinar sobre o texto terá sido o primeiro leitor e crítico entusiasta a louvar os primores do canto quarto:

- 135 .....Não faltava,  
Para se dar início à estranha festa,  
Mais que Lindóia. Há muito lhe preparam  
Todas de brancas penas revestidas  
Festões de flores as gentis donzelas.  
.....
- 145 Um frio susto corre pelas veias  
de Caitutu, que deixa os seus no campo;  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo  
Busca coa vista, e teme de encontrá-la.  
.....
- 165 Fogem de a ver assim sobressaltados,  
E param cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamá-la, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse ao fugir, a morte.  
.....
- 185 Conhece, com que dor! no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.

Os olhos, em que Amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquela língua,  
Que ao surdo vento, e aos ecos tantas vezes  
Contou a larga história dos seus males.

.....

190 Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei que de magoada, e triste  
Que os corações mais duros enternece  
Tanto era bela no seu rosto, a morte!

O último verso citado — “tanto era bela no seu rosto a morte!” faz ecoar os de Petrarca — “Morte bella pareo nel sul bel viso”. José Veríssimo, crítico atilado, decidiu que o verso de Basílio da Gama “é muito mais belo e mais expressivo que o do cantor de Laura”. O nosso cantor da nossa Lindóia também produziu um dos versos superior da poética vernácula com o de número 148 — quando Caitutu procura a irmã: “busca coa vista, e teme de encontrá-la”.

É freqüente o destacar, na louvação dos feitos guerreiros de Gomes Freire de Andrade contra os guaranis e os jesuítas, feitos que compõem história de política, guerra, morte e destruição, a contrapartida constante da história de Lindóia, toda ternura, devotamento, sacrifício por amor. O poeta conhecia e praticava bem o seu ofício.

Mas não haja enganos na interpretação do leitor de hoje como não terá havido de parte do vigilante censor dos dias pombalinos. A finalidade do poema está clarificada na abertura do mesmo quando o autor convida a inspiradora: “Musa, honremos o herói que o povo rude / Subjugou do Uruguai, e no seu sangue / Dos decretos reais lavou a afronta”. Está claro: o poema foi elaborado para lavar a afronta que os jesuítas, liderando os “bárbaros da oriental campina” teriam feito ao pretender resistir à decisão dos reis ibéricos.

Deu resultado. O Uruguai fez tanto mal à Companhia de Jesus quanto um dos decretos que a eliminou de alguns países. E, aos olhos de muitos homens perquiridores, justificou a destruição dos Sete Povos das Missões. O poema inclui-se entre as peças de campanha contra a Companhia e a sua presença nas reduções. Entre outras conseqüências costuma-se creditar-lhe o haver sugerido a Teixeira de Freitas o romance **Tardes de um pintor ou As intrigas de um jesuíta**. E a José de Alencar o drama histórico **O jesuíta**.

Em 1786, o padre Lorenz Kaulen, s.j., publicou vigorosa contestação ao poema. Foi a sua **Resposta Apologética**, onde esmiuçou, com pertinácia e entusiasmo, os episódios principais do Uruguai, especialmente o do padre Balda, suas implicações com Lindóia, a morte de Cacam-

bo, o incêndio da redução. Como de praxe, a resposta contribuiu mais para despertar curiosidade em torno dos ataques do que receptividade para a defesa.

Tendo sob os olhos da imaginação o fogo que destruiu o melhor de São Miguel conforme nos mostraram o poema e o filme, ouvindo os lamentos dos trinta mil missioneiros compelidos a deixarem sua pátria, convencidos ou não das razões que o Cinema e a Poesia nos trouxeram, pela palavra dos que cumpriram o mandato real; percebendo que o herói de Erico Veríssimo, o menino Pedro, conduzindo a sua chirimia — símbolo da cultura nativa e armado com o punhal de prata, objeto da cultura europeia, mergulha na distância e na noite para cumprir, mais adiante e mais tarde o seu destino de fundador de estirpe; concluímos o contorno do que de principal foi escrito por brasileiros a respeito das Missões. Entendemos os porquês desse interesse. Foi aquele um momento instigante e intrigante dos esforços e desencontros do Homem na luta pela formulação e a defesa do que entende serem os seus ideais de liberdade e de expressão ou de dominação.